

A CONCEPÇÃO DE ROMANCE NA CRONÍSTICA DE CLARICE LISPECTOR

Octávio Augusto Ferreira Soares (UFG)¹
octavio.contatoliteratura@gmail.com

RESUMO: Nesta comunicação, analiso a crônica *Ficção ou Não*, publicada em 1970 no Jornal do Brasil pela escritora Clarice Lispector. O objetivo é identificar, a partir da leitura do texto jornalístico, qual é a concepção de romance defendida pela autora, além de observar quais são os elementos críticos que podem ser encontrados na defesa que Clarice Lispector faz do tipo de romance que produz. Nesse sentido, a hipótese de leitura da crônica é a de que a escritora, em um raro momento de defesa crítica de sua obra, parece estar à par das mudanças ocorridas na literatura, como aponta Rancière (2010). Esse trabalho se justifica, portanto, porque pode contribuir para a leitura das obras da autora, a partir de um lugar de entendimento da própria autora.

Palavras-chave: Clarice Lispector; Crítica Literária; Crônica;

1 INTRODUÇÃO

Nenhum autor nasce clássico. O processo de *classicização*, ou seja, quando um escritor ou escritora *entra* para o seleto grupo daqueles que *devem* ser lidos, acontece com o tempo, através de instâncias de legitimação (temporais), que podem ser das mais variadas: prêmios, traduções, reconhecimento internacional, sucesso crítico, difusão em jornal ou em periódicos especializados, livros didáticos e histórias literárias, dentre outras.

Clarice Lispector nem sempre foi uma escritora clássica, e precisou, principalmente sendo mulher, se colocar num mercado que, já em meados do século XX, se mostrava extremamente competitivo. Sua estreia nas letras brasileiras foi primorosa, tendo sua legitimação confirmada ao ganhar o prêmio Graça Aranha pelo romance *Perto do Coração Selvagem*. Porém, em contraposição aos que viam em suas inovações narrativas um exemplo de avanço, havia aqueles que atacavam a prosa romanesca de Clarice Lispector, indicando uma espécie de fragmentação do romance.

¹ Mestrando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Em fevereiro de 1970, Clarice Lispector escreve a crônica *Ficção ou Não*, explicando qual é a concepção de romance que norteia suas obras. Nesse sentido, este texto busca analisar esse momento específico na cronística da autora, onde ela se coloca numa posição crítica defensiva, a fim de que se possa contribuir para o entendimento do lugar da autora na diacronia da literatura brasileira, além do percepção que a mesma tinha de si e de seus trabalhos.

2 CLARICE LISPECTOR JORNALISTA

A associação de Clarice Lispector com o mundo jornalístico começa cedo: a partir de sua tentativa de publicar alguns contos na seção *Diário das Crianças*, no *Diário de Pernambuco*, ainda com 11 anos (MOSER, 2011). A falta de sucesso nessa primeira empreitada não parou a jovem escritora Clarice Lispector, que, ao longo de toda sua vida, publicou diversos textos ficcionais em diferentes periódicos. Em 1943-1944, quando marca seu lugar na narrativa brasileira, com a estreia primorosa de seu primeiro romance *Perto do Coração Selvagem*, já era conhecida por alguns dos leitores por conta de contos como *Triunfo*, publicado quatro anos antes no semanário *Pan*.

A estreia de Clarice Lispector como jornalista se dá a partir de 1940, já produtora de ficção, quando passa a trabalhar como repórter e redatora da *Agência Nacional*, agência de notícias brasileiras, criada durante o governo de Getúlio Vargas. Publicando seu primeiro texto em dezembro desse ano, uma entrevista com o escritor Tasso da Silveira, editor justamente do semanário *Pan*. Clarice Lispector, jovem com grande potencial, passa a conviver com diversos agentes que contribuiriam de forma positiva para sua carreira, como Lúcio Cardoso, intelectual e amigo da autora, que sugeriu o título de seu primeiro romance.

Clarice Lispector iniciava aí uma carreira jornalística de 37 anos (entre pausas e recomeços), atuando como repórter, tradutora, entrevistadora, ghost-writer, colunista, cronista e até mesmo diagramadora. Gotlib (2017) aponta que, sempre que trabalhou no jornal, Clarice Lispector o fez por necessidade, porém, nunca deixava de entregar ao público um olhar peculiar sobre os mais variados temas.

Em junho de 1959, de volta, enfim, a residir no Brasil (desejo que sempre evidenciou), logo após o divórcio com o diplomata Maury Gurgel Valente, Clarice

Lispector, escritora já conhecida por suas narrativas de ficção, vê a necessidade de ganhar dinheiro através de sua escrita, a fim de complementar sua renda. O jornal, grande fonte de informação para as pessoas da época, acaba por se tornar, então, um espaço de recursos para a escritora.

Sob o pseudônimo Helen Palmer, ainda em 1959 inicia sua colaboração com o *Correio da Manhã*, com uma coluna intitulada *Correio Feminino – Feira de utilidades*. Em 1960, a convite de Alberto Dines, começa a colaborar com o *Diário da Noite*, como *ghost-writer* da atriz Ilka Soares. Porém, essas duas empreitadas encerram-se ainda em 1961.

Clarice Lispector voltaria a publicar regularmente em jornais apenas seis anos depois, tendo nesse espaço de tempo visto sua carreira como ficcionista alcançar espaços muito prestigiados (a recepção de *Laços de Família*, livro de contos, *A Maçã no Escuro* e *A Paixão Segundo G.H.*, romances, que são um ponto alto em seu processo de canonização).

Tendo como editor-chefe Alberto Dines (amigo de Clarice Lispector), o *Jornal do Brasil*, “o jornal mais prestigioso do país” (MOSER, 2001, p.486) naquele momento, procurava atrair um público mais intelectual. Clarice Lispector, escritora de prestígio na ficção, já com experiências no jornalismo, estreia, então, como cronista, contribuindo para o periódico de agosto de 1967 até dezembro de 1973, aos sábados, em um total de 329 crônicas, sendo estas publicadas regularmente (GOTLIB, 2017).

As crônicas publicadas por Clarice Lispector no *Jornal do Brasil* contribuíram para aumentar a popularidade da escritora, reconhecida pela crítica literária, já que, neste momento da imprensa brasileira, a crônica era um gênero de muito prestígio, “os cronistas eram figuras populares e até mesmo reverenciadas” (MOSER, 2011, p.486). Nesse momento, a escritora passa a ser conhecida, então, por um público mais abrangente, e sua cronística tão peculiar “fizeram de Lispector uma voz familiar para uma audiência mais heterogênea e, como ela própria comentou, muitas foram as cartas de leitores que recebeu por ocasião dessas crônicas.” (BAILEY, 2006, p. 7).

Essa popularidade e exposição foi, inclusive, transformada em tema para a crônica *Amor Imorredouro* (de 9 de setembro de 1967), quando a cronista aponta que: “Já trabalhei na imprensa como profissional, sem assinar. Assinando, porém, fico

automaticamente mais pessoal. E sinto-me um pouco como se estivesse vendendo minha alma” (LISPECTOR, 1999, p.29).

Em suas crônicas, Clarice Lispector sempre suspeitou da sua própria condição de cronista, questionando a todo momento a natureza de sua empreitada que, como vimos, foi iniciada a partir de uma necessidade material, visto que, como aponta a autora, “antes de começar a escrever para o *Jornal do Brasil*, eu só tinha escrito romances e contos. Quando combinei com o jornal escrever aqui aos sábados, logo em seguida morri de medo.” (LISPECTOR, 1999, p. 112-113).

Como mostra Gotlib (2017) a peculiaridade das crônicas claricianas reside no fato de que desafiavam a própria instituição do gênero crônica e dos gêneros jornalísticos, por exemplo, no texto “Máquina Escrevendo” (crônica de 29 de maio de 1971), Clarice Lispector aponta que:

Vamos falar a verdade: isto aqui não é crônica coisa nenhuma. Isto é apenas. Não entra em gênero. Gêneros não me interessam mais. Interessa-me o mistério. Preciso ter um ritual para o mistério? Acho que sim. (LISPECTOR, 1999, p. 347).

Pode se notar assim, que Clarice Lispector utiliza-se deste espaço privilegiado de escrita, para compor diversas observações acerca dos mais variados temas, sua cronística funciona, então, como um espaço para resolver diversas questões que sempre lhe permearam a carreira, como a natureza do escrever ou mesmo para tratar da mística que se construía sobre a emblemática figura da autora.

Não à toa, o livro *Descoberta do Mundo*, de 1984, publicado postumamente pelo filho da autora, que reúne as crônicas produzidas no *Jornal do Brasil*, já traz no título esse imaginário de descobrimento. A crônica para Clarice Lispector apresentava-se como um gênero onde se pode investigar, onde pode *descobrir* o mundo, à medida que escreve por uma necessidade para além de si, para além do *eu*, tão caro em sua prosa ficcional.

Gotlib (2017, p. 20) demonstra que:

Os limites entre a pessoa Clarice, a jornalista Clarice e a escritora Clarice diluem-se. A escritora manifesta-se explicitamente na escrita, atenta a enlevos da própria alma, movida a impressões e sensações várias, invadindo assim o campo da jornalista em ação, que dessa forma anula parte de uma possível neutralidade

Corroborar, assim, o biógrafo Benjamin Moser, ao dizer que o livro *A descoberta do mundo* pode ser entendido como “o que Clarice deixou de mais parecido com sua autobiografia” (MOSER, 2011, p.488), já que o destoamento da tradição, a liquidez com que constrói seu texto jornalístico, longe das definições do gênero, dizem respeito ao próprio processo criativo de Clarice Lispector, que sempre trabalhou à margem das expectativas desde o lançamento de seu primeiro livro, na tematização de subjetividades, como parte do choque na dicotomia eu-mundo.

Permitia-se porque, afinal, era Clarice Lispector. Despontava, então, não apenas como escritora de ficção premiada, mas, também, como cronista que experimentava o gênero, à medida que a sua rede de contato lhe favorecia. Em outras palavras, a admiração que Alberto Dines nutria por Clarice Lispector, foi condição primordial para a construção das crônicas do modo como são, diz o editor-chefe “Uma vez ela mandou para o *JB* uma crônica sem uma abertura de parágrafo. Assim foi publicada” (MOSER, 2001, p. 492).

3 FICÇÃO OU NÃO

Quando pensamos em Clarice Lispector, visualizamos a grande autora brasileira, conhecida no mundo todo, ganhadora de prêmios, a cara da “geração de 45”, representante do novo romance, que cada vez vende mais. Atribuimos a essa figura seu merecido lugar de destaque, conquistado de modo quase revolucionário, quando de sua estreia nas letras brasileiras.

É fato que Clarice Lispector é vista como a porta-voz, ou no mínimo a representante, da mudança ocorrida na literatura nacional na metade do século XX. Durante toda sua carreira, seus romances desnortearam a crítica, impondo a essa que se aperfeiçoasse, que encontrasse uma nova forma de entender a narrativa poética e intimista da autora. Já no início da trajetória da escritora, aponta Lêdo Ivo em resenha para o periódico *O Jornal*, em fevereiro de 1944: “Clarice Lispector entrou para a literatura brasileira como uma verdadeira obra-prima... é ao mesmo tempo uma descoberta para prosa e para a poesia”.²

² Edição 7303, de 15 de fevereiro de 1944, *Jornal do Brasil*.

Porém, apesar da estreia primorosa, sua trajetória para se tornar “A” Clarice Lispector, como a de qualquer outro autor, não foi fácil. Muitas vezes, para além das dificuldades de publicação, a crítica especializada via nas narrativas claricianas não uma inovação, mas sim uma falta de capacidade em atingir um todo, uma unidade, seja lá o que isso signifique.

A crônica *Ficção ou Não*, publicada em fevereiro de 1970, é um dos raros exemplos em que podemos ver que Clarice Lispector tenta, a seu modo, defender seus textos. Nesse sentido, o estudo desta crônica nos permite não apenas evidenciar um raro momento de resposta da autora a críticas, mas possibilita averiguar quais são as suas interpretações acerca do fazer literário, principalmente a respeito da natureza do gênero romance.

Passados alguns anos da publicação de *A Paixão Segundo GH*, livro de 1964, a autora havia publicado há pouco *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, romance de 1969, narrativa que, por muitos, durante bastante tempo, foi considerada alienada, por conta do período da ditadura em que foi lançado, ou fraca, para outros, considerando o impacto que *A Paixão* causou, como muito já se estudou.

A crônica começa assim:

Estou entrando num campo onde raramente me atrevo a entrar, pois já pertence à crítica.

Mas é que me surpreende um pouco a discussão sobre se romance é ou não romance. No entanto as mesmas pessoas que não o classificam de romance falam de seus personagens, discutem seus motivos, analisam suas soluções como possíveis ou não, aderem ou não aos sentimentos e pensamentos dos personagens

Nota-se aí, para além da consciência de adentrar um espaço que não está muito acostumada, o da crítica literária, a inquietação, e daí a pulsão para escrever a crônica, para com aqueles que julgam seus romances, a partir de parâmetros romanescos, apontando falhas, dizendo, por vezes, que não são romances, ou que são inacabados, como já classificava Álvaro Lins, o romance de estreia *Perto do Coração Selvagem*, em artigo de 11 de fevereiro de 1944, no *Correio da Manhã*.

Já com uma carreira consolidada, Clarice Lispector permite-se demonstrar cansaço (“que o livro obedeça a uma determinada forma de romance sem nenhuma irritação, *je m’en fiche*.”). Para a autora, basta, enfim, que seja ficção: “O que é ficção?”

pergunta, “é, em suma, suponho, a criação de seres e acontecimentos que não existiriam realmente, mas de tal modo poderiam existir que se tornam vivos”.

Vemos aqui, portanto, apesar de não estar evidenciado textualmente, que a autora está muito bem alinhada com os princípios da *Poética* de Aristóteles, que enxerga a ficção como “aquilo que poderia existir”, defendendo, portanto, suas inovações a partir de parâmetros clássicos.

Porém, apesar de ser bastante plausível tal leitura, mais do que justificar a defesa que a autora faz de seus, um exercício interessante é evidenciar, para além do questionamento se havia uma consciência metodológica/teórica ou não, como Clarice Lispector demonstra estar a par das mudanças ocorridas no que tange aos gêneros literários.

Em *A Palavra Muda*, Rancière (2010, p.20-21) apresenta quatro princípios que regem a Poética Clássica³: o princípio da ficção (um poema é uma história, sendo seu efeito ou valor dependente desta história), o princípio da *generecidade* (toda obra tende a um gênero, o enredo alinha-se à natureza de como é representado), o princípio de conveniência (o modo de expressão de uma obra deve estar de acordo com seu gênero), e, por último, o princípio da atualidade (ligada a uma compreensão da palavra como ato, de sua performance, a poesia não deve apenas agradar, mas também ensinar).

Tais princípios, que vigoravam muito quando à época do surgimento de Clarice Lispector na vida literária brasileira, considerando o romance de 30, tão marcante para nossas letras, ainda eram muitas vezes utilizados para colocar seus romances numa chave “realista”, para dizer o mínimo.

Clarice Lispector consciente dessa perspectiva da crítica, apresenta sua visão contrária ao continuar na crônica: “o romance se faria muito mais romance de concepção clássica se eu o tornasse mais atraente, com a descrição de algumas das coisas que emolduram uma vida, um romance, um personagem, etc. Mas exatamente o que não quero é a moldura.”

³ Outro caminho metodológico seria traçar um paralelo a respeito da mudança dentro da própria constituição do romance, já a partir de sua consolidação no século XIX, traçando a partir daí as mudanças que o gênero passa. A escolha por analisar as mudanças a que me refiro durante o corpo do texto a partir de parâmetros de *poética* foi, no entanto, pouco arbitrária, já que, à época esse tipo de discussão era muito recorrente, o que, para mim, é o principal motivo em se analisar a perspectiva da ficcionista.

Rancière (2010), aponta que esses princípios da Poética Clássica, mudaram ao longo tempo, dando o exemplo de Gustav Flaubert, que foi julgado (literalmente) em sua época por conta de valores morais, práticos, que esperavam em Madame Bovary um certo tipo de ética. Com o tempo, com a adaptação da crítica aos parâmetros que Madame Bovary exigiu, Flaubert se tornou o clássico que todos nós conhecemos.

O mesmo aconteceu com Clarice Lispector, hoje unanimidade do cânone brasileiro, obteve muitas críticas negativas ainda viva, que esperavam em suas narrativas, para além de uma adequação à *parâmetros mais clássicos*, exigências sociais. Que não eram o foco da autora, consciente de suas inovações estéticas, continua na crônica:

Tornar um livro atraente é um truque perfeitamente legítimo. Prefiro, no entanto, escrever com o mínimo de truques. Para minhas leituras prefiro o atraente, pois me cansa menos, exige menos de mim como leitora, pede pouco de mim como participação íntima. Mas para escrever quero prescindir de tudo o que eu puder prescindir: para quem escreve, essa experiência vale a pena.

Portanto, entende que seria *mais fácil*, para o leitor, escrever um livro a partir de parâmetros dos quais a crítica já está acostumada, mas não era isso que queria para si ou para seu projeto literário. Como aponta Rancière (2010), e estas inovações se dão a partir, além da própria escritura e publicação dos textos, da defesa por parte dos autores, como faz aqui Clarice Lispector, os fundamentos da Poética Clássica foram sendo (a partir do séc. XIX), derrubados:

Essa mudança de cosmologia pode exprimir-se estritamente como a derrubada - termo a termo – dos quatro princípios que estruturavam o sistema representativo. Ao primado da ficção opõe-se o primado da linguagem. À sua distribuição em gêneros opõe-se o princípio antígenérico da igualdade de todos os assuntos representados. Ao princípio da conveniência opõe-se a indiferença do estilo com relação ao assunto representado. Ao ideal da palavra em ato opõe-se o modelo da escritura. São esses quatro princípios que definem a nova poética. (RANCIÈRE, 2010, 28, trad. nossa).

Ao propor uma discussão a respeito do que é ou não ficção, levando em conta parâmetros particulares do gênero romance a partir de termos clássicos, podemos dizer que Clarice Lispector se mostra atenta às variações que a própria forma romanesca permite e passa.

Como mostra Rancière, a modernidade literária permite ao escritor uma inovação no que tange ao gênero, desamarrando-se de práticas ou convenções que o outro quer, sendo esse outro o crítico que não está preparado para a leitura dessa nova poética⁴. A autora pergunta ao final da crônica: “Por que não ficção, apenas por não contar uma série de fatos constituindo um enredo? Por que não ficção?”

Lendo a crônica *Ficção ou não*, podemos afirmar que Clarice Lispector possui plena consciência de parâmetros críticos? Não. Podemos, no entanto, perceber a tentativa da autora em estabelecer através mais de um discurso de defesa, do que ensaístico ou experimental.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto, Clarice Lispector utiliza-se do espaço da crônica, conquistado através de sua rede de contatos, para compor uma cronística peculiar na história da literatura brasileira. Neste sentido, seus relatos possuem um caráter singular, pois configuram-se, como dito, um aparato a mais na incansável busca por entender Clarice Lispector.

Afinal, entendemos Clarice Lispector? Pergunta sem resposta. Cem anos depois do nascimento da autora, ainda somos tragados pela sua prosa genial, que continua a nos desafiar, não só como leitores por conta da profusão existencial que é seu escrever, mas, também porque a autora é para nós esse lago desconhecido, esse *mundo a ser descoberto*.

Enquanto jornalista, Clarice Lispector nos legou crônicas peculiares, que só fizeram o mundo se encantar mais por essa figura esfíngica de nossas letras. À posterioridade, fica sua contribuição, para a autora, o espaço no Jornal do Brasil serviu de experimentação. Dessa atividade que surge por necessidade material, algumas pérolas no universo clariciano que dão uma indicação do processo criativo dessa esfinge.

Em *Ficção ou Não* presenciamos um raro momento de posicionamento crítico, de uma escritora defendendo seus textos, para além de academismo, demonstrando,

⁴ Talvez alguns possam achar forçada essa leitura, no entanto, minha intenção é mais evidenciar a defesa que autora faz de seus textos, e menos discutir as possibilidades críticas e as potencialidades efetivas de entendimento por parte dos críticos.

ainda assim, como vimos, estar a par com o que outros teóricos dizem a respeito das mudanças ocorridas na literatura, na poética, nos gêneros literários. Tentamos ao logo desse trabalho propor uma aproximação de *Ficção ou Não* com um recorte crítico específico.

Desvendar a esfinge é a grande busca dos estudos claricianos, e, ao evidenciar a perspectiva da própria autora, espera-se contribuir para a leitura de suas obras, que são lidas, e isso é muito positivo, pelas mais diversas linhas de pensamento. Da psicanálise à sociologia, os romances e contos de Clarice Lispector sobressaem-se na História da Literatura brasileira como um ponto precioso, no entanto, à luz do que a própria autora diz, temos um parâmetro a mais, e muito frutífero, à leitura da gigante Clarice Lispector.

REFERÊNCIAS

BAILEY, Cristina Ferreira-Pinto. Clarice Lispector e a crítica. Disponível em: <http://www.hispanic.pitt.edu/iili/IntroLispector.pdf>, 7-23. Acesso em: 10 jun. 2020.

GOTLIB, Nádia Battella. Clarice Lispector: Jornalista-Escritora ou Escritora-Jornalista?. Revista Rascunhos Culturais, Coxim/MS v. 9 n. 15 p. 13 - 37 jan./jun. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Diego_Domingues5/publication/337952052_Catarse_de_Memorias_Um_Dialogo_entre_Dom_Casmurro_e_Sao_Bernardo/links/5df7f5f9a6fdcc2837269070/Catarse-de-Memorias-Um-Dialogo-entre-Dom-Casmurro-e-Sao-Bernardo.pdf#page=13> Acesso em: 13 ago. 2020.

LISPECTOR, Clarice. A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MOSER, Benjamin, Clarice, São Paulo: Cosac Naif. 2009.

RANCIÈRE, Jacques. La parole muette: Essai sur les contradictions de la littérature. Paris: Pluriel, 2010.